



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Rayana Melo Barbosa

AS PERSONAGENS FEMININAS NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: AS  
MULHERES NO ROMANCE *ROMEU NA ESTRADA*, DE RINALDO DE  
FERNANDES

CAMPINA GRANDE

2018

RAYANA MELO BARBOSA

AS PERSONAGENS FEMININAS NA FICÇÃO  
CONTEMPORÂNEA: AS MULHERES NO ROMANCE *ROMEU  
NA ESTRADA*, DE RINALDO DE FERNANDES

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Curso de Letras – Língua  
Portuguesa, da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial à  
conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela de Melo  
Rodrigues

CAMPINA GRANDE

2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFGG**

B238p      Barbosa, Rayana Melo.  
As personagens femininas na ficção contemporânea : as mulheres no romance *Romau na estrada*, de Rinaldo de Fernandes / Rayana Melo Barbosa. – Campina Grande, 2018.  
39 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação: Prof. Dr. Rosângela de Melo Rodrigues".  
Referências.

1. Personagens Femininas. 2. *Romau na estrada*. 3. Literatura Contemporânea. I. Rodrigues, Rosângela de Melo. II. Título.

CDU 82-31(043)

Rayana Melo Barbosa

As personagens femininas na ficção contemporânea: As mulheres no romance  
*Romeu na estrada*, de Rinaldo de Fernandes.

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Curso de Letras- Língua  
Portuguesa, da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial à  
conclusão do curso.

Aprovada em 14 de março de 2018

Banca Examinadora:

Rosângela de Melo Rodrigues

---

Profa. Orientadora Dra. -UFCG

José Mario da Silva Branco

---

Prof. Examinador Ms. -UFCG

José Edilson Amorim

---

Prof. Examinador Dr. - UFCG

CAMPINA GRANDE

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, fonte essencial em minha vida, meu guia e senhor, a quem sempre recorro em busca de refúgio nas horas de angústia; é nele que encontro minha força.

Aos meus pais, Geraldo Brito e Maria do Socorro, por terem sempre feito tudo que podiam por mim, lutando dentro de suas possibilidades para que eu pudesse ter uma educação e me tornar a pessoa que sou hoje; espero poder recompensá-los de alguma forma.

À minha família que sempre me apoiou e ajudou no que foi preciso, de forma especial à minha tia Eva Maria, maior incentivadora para que eu entrasse em um curso superior e responsável por eu ter chegado até aqui.

À minha orientadora Rosângela, por ser essa professora surpreendente, que age sempre de forma positiva dando estímulo e determinação para que tudo ocorra bem no trabalho; além de excelente professora é uma pessoa encantadora, sua calma e paciência contagiam todos a sua volta.

Às minhas colegas de turma, Renata, Mirela, Manuela, Vanessa, Jailda, Rayane, e de forma especial Hingrid e Iara, que sempre me ajudaram nos momentos em que precisei. Todas vocês tornaram essa trajetória um pouco mais leve, os momentos de descontração serão sempre lembrados. Sem dúvida a turma mais animada foi a nossa.

Enfim, agradeço a todos que me apoiaram, ajudaram e torceram por mim, agradeço também aos que não o faziam, pois isso me fazia e faz lutar e ir em busca de meus objetivos.

## RESUMO

**Resumo:** Neste trabalho abordamos a construção de personagens femininas em *Romeu na estrada*, do escritor Rinaldo de Fernandes. Realizamos uma análise estrutural da narrativa, considerando as ferramentas utilizadas para a construção dos personagens. Fizemos um estudo dos papéis desempenhados pelas personagens femininas: mãe, esposa, avó, namorada. Observamos o confronto entre a liberdade e a autonomia das mulheres e a dominação masculina. Para isso utilizamos alguns teóricos como SCOLLHAMMER (2015), MARTINS (2008), BRAIT (1985) e FERNANDES (2012).

**Palavras-chave:** personagens femininas. *Romeu na Estrada*. literatura contemporânea.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>09</b>
2.1. Evolução do romance: de Dom Quixote ao romance contemporâneo	09
2.2. Estudos críticos sobre Romeu na Estrada	16
<b>3. A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM ROMEU NA ESTRADA</b>	<b>25</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>





## 1- INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de pesquisa as personagens femininas em *Romeu na Estrada*. Dentre os seus objetivos, configura-se como geral analisar as personagens femininas presentes no livro *Romeu na Estrada*, do autor Rinaldo de Fernandes. Fazer um estudo dos papéis desempenhados pelas personagens femininas: mãe, esposa, avó, namorada.

Dentre os específicos, observar o confronto entre a liberdade e autonomia das mulheres e a dominação masculina; o problema abordado na presente monografia são as identidades plurais na construção de personagens femininas em *Romeu na Estrada*.

Esta pesquisa foi criada com o objetivo de trazer colaborações para o meio acadêmico. Trata-se de uma pesquisa na Unidade Acadêmica de Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, sobre o estudo das personagens femininas do romance *Romeu na Estrada*, de Rinaldo de Fernandes, livro este lançado recentemente, cujo autor é considerado um dos principais autores contemporâneos; é também professor de literatura e teoria literária na Universidade Federal da Paraíba, escritor e crítico literário.

O tema em questão é um dos mais discutidos atualmente e um dos pilares para os estudos contemporâneos na literatura.

Quanto à metodologia empregada, para tornar a pesquisa relevante e precisa, na fase de investigação foi feita uma leitura minuciosa do romance, fazendo uma pesquisa qualitativa em relação ao tema que está sendo estudado.

Foi feito um levantamento dos elementos que estruturam o texto e das questões relacionadas ao intratexto que foram necessárias para o levantamento dos dados.

Na análise estrutural dos elementos na narrativa, as ferramentas utilizadas para a construção dos personagens foram consideradas, sem esquecer-se do enfoque temático nas personagens femininas.

Um dado interessante é o fato de um autor contemporâneo voltar a falar de um acontecimento dos anos 70, a ditadura militar. Fato este que será observado na pesquisa.

A ênfase estará em torno dos aspectos da construção da identidade das personagens femininas, sem que sejam eliminados outros aspectos que são importantes para a construção do romance. O trabalho está organizado em dois capítulos, o primeiro corresponde à parte teórica, na qual abordamos o romance contemporâneo desde o lançamento de *Dom Quixote*, no tópico 2.1, e também trazemos alguns ensaios feitos sobre o romance *Romeu na Estrada*, de Rinaldo de Fernandes, que se encontra no tópico 2.2. No segundo capítulo temos a análise dos dados, no qual está inserido um pouco da teoria sobre a construção de personagens femininas; o capítulo recebe o título de: A construção de personagens femininas em *Romeu na Estrada*.

O romance conta a história de Romeu, um professor universitário de música. O enredo se inicia com Romeu roubando o carro de um aluno, que quebra na beira da estrada e ele se vê obrigado a pedir carona. Ele consegue carona em um ônibus e a partir daí começa a lembrar de alguns momentos da sua vida, dos seus amores Ângela e Sofia, da sua família, a mãe, o pai, a avó e o avô que foi um torturador na época da ditadura militar. O enredo não tem um desfecho linear, o leitor só vai ter certeza do que aconteceu no final do romance. Ângela e Sofia se relacionaram com Romeu, Ângela foi sua namorada e Sofia sua esposa, ambas traem o professor. O pai de Romeu foi morto em uma emboscada armada pelo seu avô com o consentimento de sua mãe, os dois tinham um caso, o que o leitor só vai saber no final.

## 2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem o objetivo de nortear e esclarecer questões relacionadas à teoria literária que dizem respeito às questões relacionadas com a literatura contemporânea bem como os demais quesitos que veremos no decorrer deste capítulo.

### 2.1. EVOLUÇÃO DO ROMANCE: DE *DOM QUIXOTE* AO ROMANCE CONTEMPORÂNEO

O romance *Dom Quixote*, do autor Miguel de Cervantes Saavedra, foi publicado pela primeira vez no ano de 1605, na cidade de Madri. Conta a história de um homem que gostava muito de ler histórias de cavalaria, e que após certo tempo decide virar cavaleiro, por isto considerado louco. Ele parte pelo mundo afora em suas andanças e aventuras. Considerado o pioneiro na literatura moderna, lançado em época de grandes transformações, até então a cavalaria era o estilo de maior destaque, no entanto já começava a decair.

Tendo conhecimento de que na literatura alguns conceitos sempre estão sofrendo mudanças, com o conceito de herói não poderia ser diferente. É o que acontece após o lançamento de *Dom Quixote*, que apresenta as seguintes mudanças em relação aos romances anteriores: “O romance é contrário as novelas de cavalaria, constituídas de belos heróis e seus grandes feitos em busca da justiça, da amada e dos dogmas da Igreja”(DIANA, 2017, p.01). O herói ganhou uma nova roupagem, a visão de herói da literatura tradicional e da moderna se diferenciam, o herói hoje é visto como desordeiro, caótico e há ainda a presença do anti-herói.

De acordo com GUERREIRO (2017) o romance (*Dom Quixote*) apresenta uma ironia ao romance de cavalaria, além disso, “*Dom Quixote* apresenta-se como uma ruptura com o herói épico, pois se apresenta individualizado e com várias contradições” (GUERREIRO, 2017, p.05)). O que era contrário ao que apresentava o romance de cavalaria, a figura do herói corajoso e destemido foi desfeita, assim como a visão de um mundo idealizado. Por esses motivos o romance foi considerado o primeiro romance moderno.

O romance, assim como outros gêneros, passa por mudanças ao longo do tempo; isso se torna necessário até mesmo pelo fato de se manterem vivos em um mundo

que vive em constante processo de renovação. Para entender melhor como se caracteriza o romance na contemporaneidade, veremos o que alguns teóricos dizem sobre ele.

Tentando responder à pergunta “que significa ser contemporâneo?”, foram feitas considerações aproximando o contemporâneo e o intempestivo para que se pudesse entender e pensar sobre esse questionamento. Em seguida foi feita a seguinte colocação sobre o contemporâneo:

o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar o seu tempo e enxergá-lo. ( SCHOLLHAMMER, 2015, P.10 )

Sendo assim,

a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHOLLHAMMER, 2015, P.10 )

De acordo com SCHOLLHAMMER (2015), a literatura de hoje aborda bastante os problemas sociais, sem excluir o pessoal e dando privilégio à realidade exterior; as formas ultracurtas de minicontos e das estruturas complexas ganharam popularidade, e o hibridismo cresceu consideravelmente entre as formas literárias e também não literárias.

Os desafios enfrentados pelos escritores no que diz respeito à capacidade de reinventar também são considerados, é o que iremos observar a seguir:

De modo geral, percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intuição de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria. (SCHOLLHAMMER, 2015, p.14)

Maiquel Röhrig em seu artigo *O romance contemporâneo no Brasil a partir dos vencedores do prêmio Jabuti entre 2001 e 2015*, tenta através dos romances vencedores do prêmio, estabelecer as características do romance contemporâneo. De início, RÖHRIG ( 2017) começa a falar de suas percepções sobre o romance. A primeira de suas percepções é que; “é possível perceber que os textos vinculam-se

às experiências de vida dos autores, ou, pelo menos, aos espaços por eles frequentados” (RÖHRIG, 2017, p,197-198), enquanto alguns escritores representam os seus espaços, outros :

(...) cientes da impossibilidade completa de representar o real, encaminham suas narrativas para justamente sinalizar o abismo entre o real e o texto. Fazem-no de diversas maneiras, sobretudo esmerando-se no trabalho com a linguagem. Não há, nos romances vencedores do Jabuti do período analisado nesta pesquisa, elementos surreais ou mágicos, como a literatura que ficou conhecida como “realismo mágico”. Contudo, o rompimento com a realidade é perceptível no modo de muitos narradores criarem suas histórias como se estivessem “tateando às escuras”, procurando desvendar aos próprios olhos o que lhes é desconhecido, sobretudo em relação a suas próprias identidades. É como se eles perguntassem a si mesmos, constantemente, “quem sou eu”, e encaminhassem suas narrativas no sentido de responder essa questão fundamental. (RÖHRIG, 2017, p.198)

Nas considerações finais, RÖHRIG (2017) resume as características encontradas por ele nos 15 romances vencedores do prêmio Jabuti:

Os romances vencedores do Prêmio Jabuti entre 2001 e 2015 reproduzem, em sua maioria, os fundamentos da prosa brasileira contemporânea, bem como alinham-se a algumas das principais tendências da literatura ocidental. São narrativas urbanas, predominantemente narradas em primeira pessoa, com número pequeno de personagens, linguagem mais simples do que erudita e com apelo a inovações, emprego dos recursos da metalinguagem e da intertextualidade para dialogar com a própria obra e com outras obras, temática ligada aos dilemas identitários da sociedade pós-moderna, entre outros elementos. (RÖHRIG, 2017, p.210)

Segundo RÖHRIG (2017), os romances representam ainda aspectos da nossa sociedade. O individualismo é algo recorrente nessas narrativas, o autor enumera associado ao individualismo, o foco narrativo e o número reduzido de personagens, bem como a busca pela identidade. Para ele, além de características do romance contemporâneo, essas são características da realidade da nossa época.

As definições de herói são conhecidas desde muito tempo atrás, no entanto, assim como a literatura se modificou o herói também teve suas mudanças, vamos observar o que Lukács coloca sobre o herói;

O herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma das suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente voltada a si mesma a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade. (LUKÁCS, 2000, p.67)

Tais colocações ajudam a construir a definição de herói, vamos observar agora como forma de comparação outras definições.

De acordo com Renée Moura,

Ser herói da modernidade significa entender de que forma os personagens apreende as informações, as novas situações da vida nas grandes cidades. A modernidade esta na forma de como se entende a realidade das coisas, dos fatos e da necessidade de se distanciar do passado como se o passado não fosse uma semente do presente. A modernidade, portanto, pode ser entendida como uma entidade, onde o contexto e o herói se fundem para dar sentido ao que chamamos de modernidade. (MOURA, 2014, P.)

Nesse sentido, percebemos que o herói moderno segue os avanços de acordo com o social, aliando assim o contexto e o herói, dando modernidade aos personagens. O herói pós-moderno deixa de ser “invencível” e se torna cheio de incertezas, muitas vezes é considerado o anti-herói.

De acordo com Willian Mendes Martins, na *Revista de Iniciação Científica* o conceito de romance para Lukács é o seguinte:

A constatação de Lukács, em A teoria do romance, é de que o romance é a forma necessária da modernidade. Esta modernidade se caracteriza pela consciência da cisão, que se constata por ser incontornável pela necessidade da busca do sentido e, a também necessária descoberta de sua impossibilidade neste mundo prosaico, pela presença viva do elemento demoníaco. A sensação permanente de desabrigo da alma. “O romance é uma construção “problemática”, emblema de uma modernidade que perdeu o sentido da vida”.<sup>26</sup> Fica, portanto, claro o profundo diálogo que liga o jovem Lukács ao, assim chamado, romantismo alemão. (MARTINS, 2008, p.269)

Essa é , segundo Willian Martins, a definição de romance para Lukács. O que de fato cabe ao que vemos nos romances atuais. As questões citadas acima, como a “construção problemática”, são facilmente percebidas nesses romances, de certa forma, aproximam também as histórias contadas neles a realidade em que vivemos, uma realidade problemática e que passa longe de um conto de fadas.

Em *A Negativa Epopeia* de Alvaro Cardoso Gomes, encontramos um estudo sobre a epopeia de acordo com Lukács. Nesse artigo GOMES (1996), fala sobre o conceito de epopeia negativa ou degradada para Lukács de acordo com seu livro *A*

*teoria do Romance*. De início, temos a caracterização da epopeia “caracteriza a epopéia como uma obra fechada, que se articula, visando a representar uma totalidade” (GOMES, 1996, p.45). Essa caracterização, segundo GOMES(1996) é a caracterização feita por Lukács sobre a epopeia. A totalidade expressa, de acordo com o articulista, pode ser desfeita, o mundo apresentado fechado e harmônico é rompido quando o indivíduo expressa sua interioridade. Ainda sobre a epopeia:

Em suma: a epopéia é a representação do mundo feliz, harmônico, onde as dissensões se resolvem pela integração plena do indivíduo na coletividade, que o acolhe e lhe direciona a caminhada, enquanto que o romance é a representação do mundo aberto às inquietações de um sujeito atormentado, que faz da busca (quase sempre desorientada) a razão essencial de sua existência. (GOMES, 1996, p.45-46)

Segundo GOMES (1996), quando a coletividade não se torna mais harmônica, o que era uma característica essencial da epopeia, e os heróis passam sempre a buscar, é aí que começa a surgir a epopeia degradada.

Carlos Eduardo Jordão Machado no seu texto que recebe o título de *As formas e a vida vai* utilizar as palavras de ADORNO (1981, p. 47) para falar da epopeia negativa:

Quando Lukács, em sua *Teoria do romance*, de quarenta anos atrás, levantou a questão se os romances de Dostoiévski seriam a pedra angular de futuros épos, ou se esses já não seriam um tal épos, mas os romances atuais que de fato contam, nos quais a subjetividade desencadeada se inverte pela sua própria força de gravidade no seu contrário, se assemelham a uma epopeia negativa. Eles são testemunhas de uma situação, na qual o indivíduo liquidou a si mesmo e que se encontra com a situação pré-individual; uma situação que uma vez pareceu garantir um mundo pleno de sentido. (ADORNO, 1981, p.47)

Ainda de acordo com MACHADO (2004, p.111), Lukács entende a partir do “encontro entre indivíduo liquidado e suas formas pré-modernas” que aconteceu a “superação do isolamento do mundo”, os romances não eram mais os mesmos. De acordo com o que pudemos observar nas teorias apresentadas acima, podemos dizer que o conceito de epopeia degradada surgiu após acontecerem algumas mudanças na epopeia, em que seu sentido real foi alterado. O que era coletivo passou a se individualizar, fazendo com que surgisse essa epopeia degradada.

O romance tem abordado temas ou situações que de fato ocorrem atualmente. Segundo FERNANDES (2012), é o gênero em destaque na nossa literatura

contemporânea, podemos citar as cinco principais vertentes do romance no século XXI:

- 1) a violência ou brutalidade no espaço público e urbano; 2) a das relações privadas, na família ou no trabalho, em que aparecem indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situação também de extrema violência, física ou psicológica; 3) a das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro; 4) a dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista; 5) a das obras metaficcionalistas ou de inspiração pós-moderna. O que une todas essas vertentes é o olhar cruel e irônico sobre as situações configuradas. O olhar cruel sobre a existência que os nossos melhores contistas herdaram de Machado de Assis. (FERNANDES, 2012, p.08)

Cristiane da Silva Alves, em seu artigo intitulado *Algumas (breves) considerações sobre a literatura brasileira contemporânea*, toma por base análises de alguns teóricos, dentre eles Beatriz Resende, que fez um estudo sobre romance contemporâneo. No artigo, em relação aos avanços tecnológicos e a literatura, ela faz a seguinte colocação:

Beatriz Resende também reconhece a conexão da produção literária com as comodidades tecnológicas, mas, numa mirada mais otimista, prefere apostar ainda no talento, cuidado e erudição dos escritores, cuja prosa, de acordo com ela, tem sobrevivido às facilidades do computador e “desprezando as obviedades dos programas de criação de texto, [...] vive um momento de grande qualidade.” (RESENDE, 2008, p. 17). Ela evidencia, ainda, a íntima ligação entre a tecnologia e a penetração no mercado, através da internet, não apenas no caso dos jovens escritores que se dão a conhecer e interagem e se organizam, independentemente de qualquer consagração da “academia”, mas, principalmente, de novas vozes, novos escritores oriundos da periferia dos grandes centros urbanos e que antes estavam apartados do cenário literário. (ALVES, 2012, P.2)

Segundo RESENDE (2008, p.17), conforme citado por ALVES (2012, p.04) “ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada.”, neste trecho a autora faz uma espécie de elogio aos novos escritores, mostrando os pontos positivos pelos quais criam suas obras.

A pesquisadora lembra ainda da diversidade de autores e de suas faixas etárias, dentre outras diversidades presentes, sem esquecer-se da multiplicidade, sobre a qual ela tece um comentário positivo, vejamos:

(...) empregando o termo multiplicidade, cuida de destacar o aspecto plural de nossa literatura, visto pela autora como “fator muito positivo, original, reativo diante das forças homogeneizadoras da globalização.” (RESENDE, 2008, p. 20). A partir de suas considerações, constatamos que a multiplicidade, a pluralidade, ou como quer que denominemos o fenômeno, tem o mérito de



agregar nomes que, aparentemente, seriam incompatíveis. (ALVES, 2012 p.4)

Ainda com relação à diversidade, levando em consideração elementos que os aproximam:

Em meio a tantas obras, estilos, escritores e recursos diversos que permeiam nossa literatura, há pelo menos um ponto de aproximação que parece ser reconhecido pelos críticos no cenário atual, muito embora não se trate de algo essencialmente positivo ou mesmo original. É Beatriz Resende quem cuida de identificar o que seja “talvez o tema mais evidente na cultura produzida no Brasil contemporâneo: a violência nas grandes cidades.” (RESENDE, 2008, p. 32). Tal fenômeno, como se sabe, já ocupa nosso cenário há décadas, encontrando em Rubem Fonseca seu melhor e mais citado representante. A questão é que a violência, ou antes, o brutalismo, para utilizar o termo cunhado por Alfredo Bosi, embora não seja propriamente uma inovação, tem assumido ao longo do tempo uma feição exacerbada. (ALVES, 2012, p.05)

De acordo com a pesquisadora, a violência inserida na literatura vem dividindo opiniões. A crescente onda de violência que vem se proliferando nas cidades é uma das causas, no entanto, a polêmica causada por esse assunto poderia vir com um propósito inovador, dentre outras possibilidades. Observemos o trecho que segue:

A polêmica abriria, neste caso, não apenas espaço para a discussão, para a reflexão acerca do tema, mas também serviria para a afirmação de novas identidades, dando voz a todos aqueles que há muito possuem outras histórias, culturas e formas de expressão artística, mas que ainda não se haviam dado a conhecer pela “academia”, senão pela voz do “outro”, senão como “outro”, impossibilitado de se fazer “ouvir” por si mesmo. (ALVES, 2012, p.06)

Segundo ALVES (2012), o problema, de acordo com Beatriz Resende (2008) é o fato de a violência ser tratada em excesso e acabar se tornando banal e desinteressante. É preciso ser tratada de uma forma distinta e não comum, como somos acostumados a ver cotidianamente.

Afunilando um pouco o assunto sobre a violência, vamos observar como é a violência contra personagens femininas. Geralmente vemos na literatura em geral, que a maioria das violências sofridas por essas personagens são sexuais ou domésticas, mulheres que são estupradas, sofrem abuso quando criança, são agredidas por seus parceiros ou por alguém próximo. As mulheres sempre são vistas como frágeis e vulneráveis, o que as torna um alvo fácil para qualquer violência.

Se formos pensar em relação à construção de personagens femininas, e observar algumas mulheres que são vistas na literatura. Veremos que em muitas vezes os

escritores usam essas violências para construir personagens fortes ou torná-las vítimas da situação, eles usam esses acontecimentos para definir o rumo que a personagem irá tomar. Enquanto algumas dessas mulheres dão a volta por cima e superam a violência que sofreram, outras se tornam simplesmente vítimas e permanecem onde estão.

## 2.2. ESTUDOS CRÍTICOS SOBRE *ROMEU NA ESTRADA*

Neste capítulo mostraremos alguns ensaios sobre o romance *Romeu na estrada*, de Rinaldo de Fernandes, publicado pela editora Garamond, no ano de 2014, rendeu bons trabalhos, esses feitos por pessoas importantes dentro da literatura, principalmente a paraibana. A seguir veremos alguns ensaios e trabalhos feitos sobre esse livro tão distinto.

O ensaio intitulado *As mulheres de Romeu: A representação feminina num romance de Rinaldo de Fernandes*, de Paloma N. Oliveira, mostra a importância das mulheres que aparecem na vida de Romeu, e o que elas representam. De início, a autora faz algumas colocações sobre a narrativa “Eis que estamos diante de um enredo que segue moldes distintos e realça bem a estrutura narrativa contemporânea”, destacando as particularidades que a fazem uma narrativa contemporânea.

Após as considerações iniciais sobre a narrativa e o enredo, chega o momento em que as mulheres são apresentadas:

Assim, nos são apresentadas: D. Tereza, a empregada desta, Sofia, Ângela, Mônica Primo, a mãe de Romeu – cujo nome não é revelado –, a avó do protagonista – Walnice – e Patrícia, professora dele. Todas essas mulheres exercem um poder sobre a mente de Romeu e delineiam a representatividade da figura feminina em sua vida. (OLIVEIRA, 2015, p.1)

A primeira a ser apresentada é D. Tereza, proprietária do apartamento que Romeu alugara, e por quem ele sente uma espécie de medo pela postura que a senhora apresenta diante dele, vejamos:

Possivelmente ele esperava que ela não cobrasse com tanto fervor, que, por ser mulher e senhora, houvesse alguma fragilidade e não uma voz de comando. D. Tereza, do ponto de vista de Romeu, é provocativa, perigosa e, junto da empregada, consegue causar temor nele. Apesar da simpatia que o leitor possa desenvolver pelo protagonista e da ojeriza em relação à proprietária do imóvel, é inegável o domínio que a personagem tem sobre Romeu. (OLIVEIRA, 2015, p.2)

As personagens Ângela e Mônica Primo fazem parte do passado de Romeu, elas se diferenciam pela relação que tiveram com o personagem, “Mônica é independente sexualmente, não dá muita bola a Romeu e isto parecia lhe causar incômodo, a ponto de ele se recordar dela com certo desprezo”(OLIVEIRA, 2015, p.2). Percebemos que a personagem não correspondia algum tipo de aproximação de Romeu para com ela, o que o deixava incomodado, pois o mesmo tinha um pensamento machista.

Já com Ângela a relação foi de maior proximidade, os dois chegaram a ter um relacionamento, mas acabou devido a uma traição e da agressão de Romeu contra Ângela. “Ângela é vista por ele como uma mulher independente: “dura, orgulhosa, queria inventar tudo só”(OLIVEIRA, 2015, p.2), era esperado que pelo comportamento independente dela o agressor fosse denunciado, mas isso não aconteceu:

Certamente o leitor espera que de uma personagem intelectualizada surja a denúncia contra o agressor. Talvez esse fosse o motivo para ele estar na estrada. Quem sabe ele roubou o carro do aluno e fugiu por ter sido descoberto pela agressão? Não, ele não fugia de Ângela, porque nesta narrativa a mulher tem medo, assim como no mundo real, e escolhe o silêncio: “Ângela ficou machucada com o tapa que lhe dei, mas não falou nada pra ninguém”. A submissão dela causa um incômodo no leitor, mas convalida a atitude da maioria das mulheres que, mesmo com a lei ao seu lado, se curva ao medo. (Oliveira, 2015, p.3)

Chega a vez de Sofia, “talvez a mulher mais importante para Romeu nessa jornada”(OLIVEIRA,2015, p.3), que se tornou esposa e teve um papel muito importante na sua vida profissional; “Ela exercia um domínio muito forte sobre ele, o qual parecia em alguns momentos passar despercebido” (OLIVEIRA,2015, p.3), a relação dele com Sofia parecia ser diferente de todas as outras;

A mulher aqui é, além de incentivadora, uma agente decisiva nas escolhas do homem. Apesar de traí-lo com um aluno dele, Sofia não representa um elemento negativo para Romeu. Romeu, enquanto traído, não fala em se vingar dela, mas do aluno Fernando. Seu amor por Sofia é maior que sua dor. (OLIVEIRA, 2015, p.3)

Há uma personagem ímpar na narrativa, “A mãe de Romeu é uma surpresa: a cereja do bolo”, a mulher que parece ser de uma índole típica de uma dona de casa daqueles tempos se apresenta de uma outra forma, é posta como responsável pelo

comportamento do filho “[...]a mãe é central: ela é o cerne da dor de Romeu; ela é responsável pelos seus medos, angústias e inseguranças de uma vida” ( OLIVEIRA, 2015, p. 3) :

Não se sabe ao certo em que momento da vida ele descobriu a emboscada que a mãe armara, mas se confirma o impacto que a ação da personagem causa nele em todo o enredo. O desespero e a dor de ser traído pela mãe se refletem em todas as mulheres que passam pela vida de Romeu. Se observarmos bem de perto, veremos que ele prevê as traições em vários trechos de sua fala, não por vidência, mas por insegurança. Romeu foi fortemente afetado pelo comportamento da mãe e se tornou esse viajante sem rumo. (OLIVEIRA, 2015, p.4)

A autora colocou de forma bastante clara a presença dessas mulheres e o que elas representam na narrativa e na vida de Romeu, o que fez com que um novo olhar diante da narrativa surgisse, pois por muitas vezes um detalhe que passa despercebido tem uma importância crucial na compreensão da narrativa:

Não, elas não são más, perversas – nem mesmo para Romeu, que se curva a elas na maioria das vezes que as recorda –, mas são figuras autênticas. A mulher é uma espécie de fortaleza e fracasso para seus sentimentos e angústias. Romeu parece não saber viver sem estar rodeado delas e de suas nuances. Romeu vive na estrada, correndo delas, em busca delas. (OLIVEIRA, 2015, p.4)

O ensaio escrito por Eduardo Sabino, *Romeu na estrada da memória*, traz uma apresentação da narrativa mostrando digressões que são responsáveis pela construção do perfil de Romeu e alguns fatos que não são lineares da vida dele. A vida amorosa do personagem tem um destaque relevante na narrativa, assim como no ensaio anterior, neste a mulher também aparece com certa notoriedade:

aos conflitos amorosos, às relações com as ex-namoradas Ângela e Mônica, e à atual mulher, Sofia, também professora. Ao falar sobre elas e julgar, às vezes de modo rancoroso e superficial, suas atitudes, Romeu se expõe, e vemos melhor Romeu do que Ângela ou Mônica ou Sofia. (Isso pode ser confirmado em uma descrição primorosa do ciúme na página 68, um dos pontos altos do romance.)  
(SABINO, 2015, p.2)

São apresentados os resultados de algumas cenas, o que elas mostram do personagem, como a já citada acima, que trazem os conflitos amorosos. Sabino(2015) mostra também alguns recursos que são usados no decorrer da narrativa e o que eles causam, “[...]em primeira pessoa, ora observa o ambiente, ora adentra nas lembranças confusas de Romeu a partir do recurso do monólogo

interior[...]. Poemas e minicontos do personagem, [...] completam as *camadas* do livro” (SABINO, 2015, p.2) .

Outros recursos também foram apresentados, como o uso figuras de linguagem, mas há um recurso que chamou mais a atenção do articulista e ele o descreve, assim como os outros, o seu efeito na narrativa. Vejamos a seguir:

*Romeu na estrada* nasceu de um conto do autor que gosto muito: "O professor de piano". Na expansão da história, antes muito concentrada, surgiram novos personagens, vários conflitos ao redor de Romeu, e a reinvenção foi, em geral, muito bem-sucedida. Apenas um recurso me pareceu mais interessante no conto: a menção constante de Romeu a um "plano secreto". No conto, as referências ao plano ditam o ritmo e o suspense da narrativa. No romance, na sua estrada longa e de muitos desvios, o recurso perde um pouco de sua força. (SABINO, 2015,p.2)

Finalizando, o pesquisador relembra a presença da ditadura militar na narrativa.

*Romeu na estrada* também abre, por fim, uma janela para além do relato intimista do personagem, inserindo sua história no contexto da ditadura militar do Brasil. Nesse ponto se unem, de maneira surpreendente, os traumas pessoais de Romeu e os traumas do seu país. ( SABINO, 2015,p.3)

Leonardo Davino de Oliveira inicia o ensaio *Romeu na Estrada* elogiando a formalidade da obra “O romancista e contista Rinaldo de Fernandes tem desenvolvido uma obra que prima pelo rigor formal [...]”, um ponto que sempre é destacado por ele é a linguagem, que ele coloca como “Tudo numa linguagem urgente e delicada” (OLIVEIRA, 2014, p.1). Destaca ainda recursos e o que eles causam no resultado final da narrativa, é o que veremos a seguir:

Rinaldo de Fernandes sabe que o que importa ao escritor é a linguagem. A repetição em diferença é um recurso utilizado não apenas para evocar o conto-mote. As repetições são usadas internamente no romance, como um recurso de liga entre os capítulos e as narrativas; entre Sofia e Ângela – amores de ontem e de hoje. São esses deslocamentos os responsáveis pela suspensão de tempo e espaço. Tudo é aqui e agora, na febre e no zumbido no ouvido do narrador. (OLIVEIRA, 2014, p. 2)

Há também outros mencionados pelo articulista, como o do adiamento de acontecimentos, “O escritor faz uso ainda do artifício de adiamento dos acontecimentos, das “conclusões” nunca vindas. Há sempre pedras provando o pé, interditos atravessando a narrativa” (OLIVEIRA, 2014, p.2), o uso de verbos no passado também é mencionado, que de acordo com ele “dão o distanciamento ficcional” (OLIVEIRA, 2014, p.2). Esses foram alguns dos recursos levantados pelo autor que estão presentes na construção do romance.

Ainda de acordo com OLIVEIRA (2014), a confusão criada durante a narrativa, pela diversidade de histórias contadas ao mesmo tempo, é o que mantém o tempo e o espaço, e que os sentidos são dados pelos leitores, pelo fato de não ter uma continuidade e ser necessário que o leitor vá decifrando os acontecimentos, e para ele é o que causa a beleza:

E vem daqui a beleza do trabalho de Rinaldo de Fernandes: a exigência da atenção do leitor propositadamente disperso na profusão de informações aparentemente incompatíveis e assustadoramente belas: “por volta da meia-noite (...) havia a sombra de uma árvore”; “[olhos] que misturam a cor quando estou no piano”; “o carro parado sob a árvore parecendo um enorme peixe escuro”; “o horizonte era um vapor azulado”(OLIVEIRA,2014,p. 3)

Com elogios à forma de escrita e a maneira como o escritor consegue prender a atenção de seus leitores (Rinaldo de Fernandes sabe como enredar seus leitores), o ensaio é finalizado, deixando contribuições para o estudo do romance *Romeu na estrada*.

Em *Fragments de uma memória em trânsito*, João Faria inicia o texto fazendo um breve resumo do enredo, logo após faz apontamentos para elementos na construção do mesmo. O ponto que percebemos que ganha maior ênfase é o da lembrança/memória, o qual é colocado como elemento estruturador principal; abaixo veremos um trecho que comprova o que foi dito:

De fato, o conjunto das lembranças é um dos principais elementos estruturadores da inteligente tessitura apresentada por Rinaldo de Fernandes: a camada mais palpável da narrativa, aquela que dizia respeito ao roubo do carro e ao plano de Romeu, é deslocada e dá espaço a episódios aparentemente independentes, mas que apontam ao leitor uma cronologia bem estabelecida (FARIA, 2015, p.01)

Assim como o pesquisador Leonardo Davino de Oliveira, Faria lembra também do leitor. Para ambos o leitor ganha um papel distinto, pois com a forma de construção o seu papel vai além; a confusão de lembranças e acontecimentos exige um esforço maior. Vejamos a seguir:

No entanto, seria equivocado dizer que o romance acomoda o leitor na posição de mero espectador: o entrecruzamento de personagens e a sobreposição de temporalidades convertem as cenas do romance em peças de um quebra-cabeça que deve ser montado quase sem apoio da visão. (FARIA, 2015, p.02)

A família aparece de certa forma como responsável pelos sentimentos de Romeu, o que acaba respingando em seu comportamento com outras pessoas também. É o que conclui o trecho seguinte:

Dos porões de seu núcleo familiar saem revelações decisivas e dilacerantes que intensificam o paradoxo encarnado pelo avô, carinhoso com o neto recém-órfão de pai, mas impiedoso com a mulher, que guarda em segredo sua atuação profissional nos bastidores da ditadura militar e embarça o neto com a repetição do relato de um atentado ocorrido nos anos 1960. ( FARIA, 2015, p.02)

No ensaio da articulista Rosângela de Melo Rodrigues, intitulado *Os amores de Romeu: o anti-édipo em Romeu na Estrada*, de Rinaldo de Fernandes, foi abordada a construção das personagens no romance *Romeu na Estrada*, de Rinaldo de Fernandes. O artigo se inicia com um dado interessante lembrado pela autora a roseira nascida em um pneu, e que rende algumas interpretações, como veremos a seguir no que diz a escritora sobre esse fato:

Rinaldo de Fernandes também nos presenteia com uma imagem moldada com lirismo e uma boa porção de dura matéria negra e prosaica: uma roseira que nasce dentro de um velho pneu no jardim da casa onde o protagonista viveu a infância com os pais. Das muitas alegorias presentes na trama de *Romeu na Estrada*, esta nos parece ser adequada como chave de interpretação devido à insistência com que aparece na memória afetiva do protagonista ao longo do enredo. A mãe de Romeu sempre olhava a roseira em momentos de tristeza e introspecção, e ele percebia como mulher/roseira/pneu se amalgamavam formando uma espécie de código que ele só decifraria já adulto. (RODRIGUES,2015, P.38)

A mãe sempre olhava para a roseira quando estava triste, após a morte do pai de Romeu, seu avô passou a olhar a roseira e enxergava nela a figura da nora. Ainda sobre a roseira e a relação com a sua mãe:

A imagem da mãe clivada entre a delicadeza da roseira e a brutalidade do pneu no seu entorno é determinante na trajetória de Romeu. Como um herói trágico, Romeu reatualiza o mito de Édipo para subvertê-lo: ele passa a “viver na estrada” em fuga eterna, distanciando-se o máximo possível da mãe, mas por odiá-la. Romeu não quer cometer seu maior crime, aquele que de fato o move, o matricídio. ( RODRIGUES, 2015, p.38)

Após a roseira, há outro aspecto que chama a atenção da articulista, ela faz a seguinte relação “Romeu/pneu/carros” e faz colocações bastante interessantes e essenciais para uma boa compreensão da narrativa, lembrando não só do que está

explícito no texto, mas também do que um bom leitor pode concluir de certos acontecimentos:

Quando não está sobre quatro rodas, Romeu é fraco, medroso, influenciável; motorizado ele se torna duro como os pneus que lhe perseguem e que o locomovem. Nos momentos iniciais do enredo, há inúmeras indicações que já anunciam a associação Romeu/pneus/carros, e não por acaso a primeira afirmação do enredo faz referência ao roubo do carro de um aluno. Roubei; saí; cruzei; refiz; desviei; segui; rondei; rompi; visibilidade boa; faróis fortes; luz rala; luz baixa; penumbra; claridade; acostamento; asfalto; barro nos pneus e muitas outras referências ligadas a automóveis vão indicar a obsessão de Romeu em ser como um carro, mais precisamente, como pneus a esmagar asfaltos e roseiras. Ele escolhe morar sobre uma garagem e ser vizinho de um posto de combustíveis; observa, como um detetive, o movimento dos fregueses e funcionários do posto, alimentando-se das imagens como se fizesse parte dos trabalhos de manutenção e de abastecimento dos carros. (RODRIGUES, 2015, P.38-39)

É muito interessante a forma como tudo se encaixa quando é posto da forma como RODRIGUES (2015) colocou; é um quebra cabeça em que aos poucos as peças vão se encaixando e tudo começa a fazer sentido.

Em relação às mulheres que passam pela vida de Romeu, um fato desperta a atenção, ele foi traído por todas elas, “Romeu será sistematicamente desprezado ou traído por todas as mulheres que dividem a trama com ele; no entanto, é a traição da mãe que o dilacera.”, a mãe é quem tem um valor determinante para a vida do filho. No decorrer da trama uma dessas mulheres é a mais citada pelo protagonista, Ângela, a quem ele sempre fala em mandar flores, sobre isso a articulista mostra o seguinte:

(...) ele ficará obcecado em mandar flores para Ângela, a mais amada de todas as mulheres com quem ele se relacionou, e a única que ele revelou sem eufemismos querer matar. A afirmação “preciso mandar flores para Ângela”, de tão repetida no enredo, mostra os resquícios de memória que lhe assaltam sem que ele perceba bem a importância deles: Ângela não é uma “Capitu que manda flores”, mas sim uma adúltera a quem ele deve dar flores porque associa traição/flores/mãe/pai assassinado/Ângela. (RODRIGUES, 2015, p.39)

Para quem leu o romance, percebeu que Romeu não era um homem com muita sorte, pois todos que estavam a sua volta de certa forma lhe decepcionaram. Rosângela de Melo Rodrigues coloca bem essa questão no trecho a seguir:

E como um fantoche manipulado por cordas, Romeu vai sendo conduzido pelas mulheres de sua vida: a mãe que o traiu e também traiu o pai dele, dilacerando Romeu; a avó que escondeu dele a verdade; Ângela, que o fez tirar de dentro de si a violência até então desconhecida que herdou do avô/pai; Mônica Primo, que o desprezou sempre; Sofia, que o esmiuçou como a um inseto até retirar dele toda verdade e mostrar o quanto ele e o avô eram idênticos; Dona Tereza, que o fez perder seu bem mais precioso, o piano, e



dividiu com ele algumas das cenas mais dramáticas do enredo, assemelhadas ao que há de melhor em Kafka e Dostoievski. (RODRIGUES, 2015, p. 39-40)

A autora continua falando da vida e relacionamentos do protagonista, sua relação com duas mulheres completamente diferentes, que eram Ângela e Sofia, sua relação com o avô:

(...) O avô era um herói para Romeu: jogava bola com ele, era um ídolo que despertava inveja nos amiguinhos, era quem levava Romeu à escola, o pai presente na vida do menino, o homem musculoso que divertia as crianças (batendo os braços fortes contra o peito imitando um gorila) e que disse uma frase jamais esquecida pelo protagonista por ter sido um elemento a mais para que ele atasse as duas pontas da vida: “Romeu, você tem os braços e os ombros de seu pai!, minha mãe sorria nessas horas, olhava para meu avô como agradecida” (FERNANDES, 2014, p. 88). O avô agente da ditadura militar, assassino e terrorista, diante do neto se enchia de ternura e cuidados, voltava a ser criança(...). A mãe e o avô de Romeu passavam longas horas em passeios pela praia, sozinhos, enquanto o menino ficava com a avó, cheia de ressentimentos. (RODRIGUES, 2015, P.44)

No final do artigo a articulista fala sobre o modo particular de escrita do autor Rinaldo de Fernandes e da criação de seus personagens:

As personagens do autor fogem completamente do enquadramento em *tipos*, pois não são nada caricaturais, muito menos cabem em divisões estanques das Teorias Literárias (sempre séculos atrás das boas ficções), como personagens dinâmicos, estáticos, adjuvantes, figurantes, apenas narradores ou apenas observadores: as criaturas de Rinaldo são todas verossímeis demais para serem engessadas em identidades e tipologias fixas, que já não serviam adequadamente aos estudos das obras do século XX. E é justamente essa dinâmica que move cada personagem a responsável pela construção de tramas em que não há espaços para maniqueísmos: os personagens de Rinaldo não são psicopatas, sociopatas, normais, minorias, essencialmente bons ou totalmente cruéis, e nisso há um ganho fabuloso, pois o leitor precisa se desdobrar para entender as contingências que moldam personagens como Romeu, a um tempo um rapaz apaixonante capaz de conquistar a empatia dos leitores e um vingador desnorteado de quem o leitor se desassocia. (RODRIGUES, 2015, p.46)

Esse foi um dos trechos no qual a autora fala dos personagens e de suas formas particulares de criação. De fato, os personagens criados por Rinaldo de Fernandes têm uma construção ímpar, não só no romance em questão, mas em outros textos escritos por ele.

.

### 3- A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *ROMEU NA ESTRADA*

A construção de personagens femininas, de acordo com a pesquisa desenvolvida na Universidade de Brasília sob a coordenação de Regina Dalcastagnè, está relacionada muitas vezes ao sexo do autor, pois homens tendem a criar mais personagens masculinos enquanto mulheres criam a maior parte das personagens femininas, o que abre a seguinte questão:

Resta explicar porque a discrepância é tão maior no caso dos escritores homens, que contam com menos de um terço de personagens femininas, enquanto as mulheres criam quase a metade de suas personagens no sexo masculino. A resposta talvez esteja na própria predominância masculina na literatura (e, imagina-se, em outras formas de expressão artística), que proporciona às mulheres um contato maior com as perspectivas sociais masculinas. Outra hipótese é que, diante dos avanços promovidos pelo feminismo, os homens se sentem cada vez mais “deslegitimados” para construir a perspectiva feminina. (DALCASTAGNÈ, 2005,p.37)

Segundo as considerações de Beth Brait sobre as personagens,

No que diz respeito especificamente ao romance e à personagem de ficção, é somente com a obra *Teoria do romance*, de Lukács, publicada em 1920, que essas questões são retomadas em novas bases. Lukács, relacionando o romance com a concepção de mundo burguês, encara essa forma narrativa como sendo o lugar de confronto entre o herói problemático e o mundo do conformismo e das convenções. (BRAIT, 1985, p.31)

A autora, em seu livro *A personagem*, traz diversas colocações sobre a forma como são construídas as personagens. Do seu ponto de vista e de diversos outros autores, a respeito de uma construção mais contemporânea de personagens, a autora mostra as contribuições de Lukács, que associa a construção de personagens à influência das estruturas sociais:

A nova concepção de personagem instaurada por Lukács, apesar de reavivar o diálogo a respeito da questão e de fugir às repetições do legado aristotélico e horaciano, submete a estrutura do romance, e conseqüentemente a personagem, à influência determinante das estruturas sociais. ( BRAIT, 1985, p.31)

Brait (1985), ao falar da construção de personagens, revela que o próprio texto é que pode mostrar os artifícios utilizados pelo autor para a construção de seus

personagens. Segundo ela o narrador é o ponto chave para isso, pois qualquer tentativa de descoberta dos artifícios utilizados pelo autor vai esbarrar no narrador.

Em relação ao narrador, Brait (1985) mostra os tipos de narradores e como são apresentados os personagens em cada um deles. Aqui iremos nos deter ao tópico *A personagem é a câmera*, que apresenta o narrador em primeira pessoa, pois é o tipo de narrador que encontramos em *Romeu na Estrada*, de Rinaldo de Fernandes, em que o personagem Romeu é quem narra todo o enredo.

De acordo com a autora, quando o narrador está em primeira pessoa, ele está envolvido diretamente com os acontecimentos que são narrados. Desta forma, “Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem” (BRAIT, 1985, p. 60).

Sobre as possíveis construções das personagens, a autora coloca o seguinte:

Se essa forma de caracterização e criação de personagens for encarada do ponto de vista da dificuldade representada para um ser humano de conhecer-se e exprimir para outrem esse conhecimento, então seremos levados a pensar que esse recurso resulta sempre em personagens densas, complexas, mais próximas dos abismos insondáveis do ser humano. Tomando como medida o romance moderno, empenhado cada vez mais em distanciar a personagem dos esquemas fixos que delimitam o ser fictício, teremos que admitir que esse recurso ajuda a multiplicar a complexidade da personagem e da escritura que lhe dá existência. Mas não é uma receita para a construção de personagens mais densas: tudo, como sempre, vai depender da perícia do escritor, de sua capacidade de selecionar e combinar os elementos que participam da arquitetura da personagem. (BRAIT, 1985, p.61)

Em *Romeu na estrada* o narrador se apresenta em primeira pessoa, ele participa ativamente dos acontecimentos na narrativa. Romeu, que é protagonista e o próprio narrador do enredo, conta de forma parcial sua história, sua versão dos fatos. É através de Romeu que os leitores vão desvendando os fatos e construindo essa história cheia de emaranhados criados pelo protagonista. A história não é contada com linearidade, o autor usa o recurso de adiamento no texto, deixando as conclusões para depois, e fazendo com que o leitor vá decifrando e tentando desvendar o enredo. No decorrer da narrativa percebemos que alguns fatos são omitidos pelo narrador, creio que um dos mais chamativos seja a relação do avô com a mãe de Romeu, que se apresenta como se fosse ações rotineiras de qualquer família, quando na verdade não são, além de omitir fatos ele também distorce,

muitas vezes em seu favor. O narrador em primeira pessoa acaba favorecendo o entendimento da história, pois apesar de termos só uma versão da história, acabamos compreendendo-a pelas “falhas” deixada pelo narrador e pela forma como ela é apresentada, acabam aparecendo pistas que fazem chegar à possíveis conclusões.

A maioria das personagens são femininas, e todas elas participam de alguma forma na vida do protagonista Romeu, no entanto, cada uma dessas mulheres se apresenta de forma peculiar, que se afastam e se aproximam em certos aspectos que serão mostrados a seguir. São poucos os personagens masculinos que aparecem no romance *Romeu na Estrada*, na verdade, são poucos os personagens no geral no romance, os mais citados são Romeu e o avô, o pai de Romeu e outros personagens apesar de serem citados na narrativa não tem uma presença tão perceptível quanto os citados anteriormente.

Romeu é o personagem principal da narrativa, considerado um anti-herói, ele é uma vítima dos acontecimentos da trama, “na literatura brasileira são mais frequentes os anti-heróis, sempre vítimas das adversidades ou de seus próprios defeitos de caráter” (GANCHO, 2002, p.15). O acontecimento que mais causa impacto na vida de Romeu é a morte do pai, mas não pela morte em si e sim pelas circunstâncias: o seu pai teve a morte encomendada pelo avô com o consentimento da sua mãe, pois sogro e nora tinham um caso. Além disso, todas as mulheres que participaram de sua vida o traíram de alguma forma, ou decepcionaram.

A aparência de Romeu era de um sujeito calmo, cidadão de bem, até que lhe acontecem alguns fatos que alteram o seu comportamento. Romeu era professor de música, sempre gostou de música e de instrumentos, era também poeta, porém, acabou largando tudo para viver como um andarilho vendendo camisetas e poemas nas praias e festivais. Vivendo como um fugitivo das suas próprias lembranças e frustrações.

O avô de Romeu é um antagonista, um dos causadores de boa parte das frustrações e decepções na vida de Romeu. É considerado um personagem mais complexo e com características variadas. Torturador na época da ditadura militar, o seu comportamento variava de acordo com os membros com quem convivia, com seu neto (Romeu) era muito carinhoso e brincalhão, tratava como se fosse um filho;

já com sua esposa, Dona Walnice, era indiferente, agredia e tratava com certo desprezo; com sua nora, tinha uma boa “convivência”, os dois, pelo que aparenta o enredo, tinham um caso, o que culminou na arquitetura e execução da morte do de seu próprio filho. O avô de Romeu participou de sua vida mais que o próprio pai, “(...) nós fazíamos caminhada numa praia, meu avô muito rápido, rindo, Romeu, seu desanimado, vê se me alcança!, e ele forçava um arrote, ôôôôrrrrr, só pra me fazer rir também,(...)” (FERNANDES, 2014, p.28). O senhor que brincava com Romeu não parece ser o mesmo com sua avó e nem parecia ter sido um torturador:

O telefone tocou, minha mãe atendeu. Meu avô, num ato intempestivo, arrebatara o rosto de minha vó com um soco. Minha avó chorava desesperada, pedindo que minha mãe fosse imediatamente à casa deles, que precisava muito, estava sangrando. Minha mãe para que eu me vestisse, e, sem perda de tempo, pegamos o táxi para ir salvar minha avó. (FERNANDES, 2014, p.81)

O meu avô, Sofia... Ele foi, no Recife, um temido torturador nos aos 70, ocultou o cadáver de um estudante... Na família, só minha vó sabia, mais ninguém. E um domingo, na casa de praia, meu avô e minha mãe demorando (sempre demoravam) na caminhada deles, minha avó me contou a história com detalhes(...). (FERNANDES, 2014, p.89)

Há no romance uma passagem que fala de uma possibilidade de Romeu ser filho do avô, em que o avô teria ocupado o lugar do seu pai após a morte, fica subentendido o que realmente o autor quis dizer. Como o narrador distorce muito as coisas, assim como também as omite, não podemos ter a certeza da veracidade dessa informação. Pode parecer uma possibilidade absurda, mas se levamos em consideração o acontecimento de que sogro e nora eram amantes, não se sabe por quanto tempo, a ideia passa a não ser tão absurda:

(...) que meu avô era o substituto do meu pai, um avô-pai, avô-papai, às vezes queria chamá-lo de pai, me vinha a palavra, porém eu me continha, mas meu avô era meu pai, e minha mãe parecia que sentia o mesmo, por isso ela queria a companhia do meu avô, queria que eu estivesse com ele, minha mãe ficava nos observando, os olhos macios de quem prova uma amizade autêntica, eu uma noite perguntei, mãe, e se meu avô morrer?, ela revidou, deixa disso, por que não apanha um livro?!, minha mãe queria que agora eu fosse mesmo filho do meu avô, e podia, eu ser filho do meu avô, registrado e tudo?, eu uma vez perguntei à minha avó, que apenas disse, não pode! (FERNANDES, 2014, p.88)

Uma das mulheres que passa pela vida de Romeu é Mônica Primo, apesar de não ter tanta importância na construção do enredo participou da vida de Romeu na Juventude, logo que ele trancou a faculdade. Ela era uma mulher independente, sorridente e sempre cercada de amigos. Eles não chegaram a ter nenhum tipo de relacionamento, Romeu teve certo interesse pela moça, mas não foi correspondido

da forma que desejava, “escrevi três vezes, Mônica não me respondeu” (FERNANDES, 2014, p.30). De certa forma ela enganou Romeu, deixou decepcionado, insinuou que estava interessada, trocou endereço com ele, mas quando ele tentou contato foi simplesmente ignorado.

Romeu quando era pequeno tinha um sonho de ter um piano, mas a condição financeira do seu pai não podia lhe proporcionar isso, pois era um instrumento caro. Na juventude ele conseguiu realizar esse sonho, morava num pequeno apartamento que tinha alugado de Dona Tereza, e lá desfrutava do seu piano. Com a vida financeira abalada, Romeu acabou atrasando o aluguel, e passou a ser cobrado por Dona Tereza. Essa senhora que aparentava ser frágil, pela sua idade e por ser sozinha, surpreendeu o jovem Romeu por enfrentá-lo, a ponto dele deixar de sair de casa para não ser visto pela senhora. Para se livrar da senhora Romeu teve que vender o seu piano, ficou de coração partido, pois aquele objeto significava muito para ele, e ele jurou para si mesmo readquiri-lo assim que fosse possível.

As mulheres que tiveram um relacionamento amoroso com Romeu foram Ângela e Sofia, as duas são bem distintas. Ângela foi a namorada, a relação dos dois era bastante intensa, havia muito desejo envolvido, os dois partilhavam amigos, festas, era uma relação movimentada. Essa mulher é a que mais aparece no decorrer do livro. Romeu sempre se lembra dela, diz que vai mandar flores, mesmo depois de tudo que aconteceu, podemos dizer que foi o amor mais marcante na vida do protagonista, levando em consideração a exposição dada sobre essa personagem. Ângela traiu Romeu com um músico que conheceu entre amigos em comum, e ele percebeu o clima entre os dois desde o início. Após isso o jovem protagonista começou a beber muito, ia sempre para um bar que ficava de frente para a casa da tia da jovem com quem namorava, passou a observa-la só, e quando estava acompanhada do seu novo namorado com quem tinha o traído, até quando teve a oportunidade de subir no apartamento da jovem e agredi-la.

Ângela e Romeu viviam em uma constante quebra de braço, ambos queriam se posicionar diante da relação e da vida dos dois, Romeu considerava a namorada teimosa e que só queria fazer as coisas por conta própria. Acredito que o que de fato acontecia era que a jovem queria se impor, queria ter sua independência não só na sua vida como também na relação com o namorado, e Romeu talvez por machismo

quisesse ter a rédea da relação, não queria dar o braço a torcer. A agressão contra a jovem talvez tenha sido uma tentativa de amenizar o que estava sentindo, amenizar a dor de ser traído, de ter o ego ferido e de ter sido abandonado pelo seu amor, movido pelos seus sentimentos, pela raiva, dor, e também pela bebida. Apesar do que fez ele se diz arrependido, depois que tudo passou, pensa em mandar flores. O que será que ele pretendia com essas flores? Talvez fosse apenas como uma forma de se redimir, um pedido de desculpas, uma tentativa de amenizar o que tinha feito, afinal nada justifica uma agressão, ou até mesmo fosse para deixá-lo em paz consigo mesmo, reduzir suas angústias. Pela posição de Ângela diante do mundo, o esperado era que ela fosse denunciar seu agressor, o que não aconteceu. Ela teve medo e simplesmente se calou. Toda sua teimosia e vontade de agir por si própria foram caladas pelas coisas que ocorreram. Assim como muitas mulheres que são agredidas, ela silenciou, a vergonha, o medo a dominaram e impediram que ela tomasse uma atitude. A atitude de Romeu não foi de longe uma das melhores diante do ocorrido:

Uma tarde, o porteiro do prédio conversando, invadi o apartamento, empurrei Ângela, você não pode fazer isso comigo, sua puta, dei um tapa nela, ela caiu chorando no tapete. Ângela estava só neste momento. Fiquei preocupado porque ela começou a sangrar pelo nariz. Fui à cozinha, meti duas colheres de açúcar num copo d'água, coloquei-o perto de Ângela e saí. O porteiro ainda conversava, ninguém me viu deixando o prédio. Fui covarde. Eu não devia ter feito o que fiz com Ângela. (FERNANDES, 2014 p.71)

O maior incentivo na vida de Romeu foi dado por Sofia; ela o incentivou a continuar com a faculdade, se tornar um professor de música. Ambos estudaram fora por um tempo, na França, onde foram fazer pós-graduação, ele em música e ela em biologia; moraram lá por um tempo. Embora Romeu admita que tenha feito isso por causa de Sofia:

Fiquei noivo de Sofia aos 23 anos. Depois que nos casamos, Sofia me incentivou muito a voltar a estudar, ela pesquisando insetos(besouros) já havia um bom tempo. Concluí afinal música, habilitação em violão, obtivemos as bolsas, fomos fazer pós-graduação na França. Ai, a França!, Sofia suspirava, achei uma merda morar na França. Terminei professor universitário por causa de Sofia, eu nunca tinha pensado em dar aulas. (FERNANDES, 2014, p.63)



Enquanto Ângela tornava a vida de Romeu mais agitada, intensa, Sofia dava paz, calma, tranquilidade. A relação de Sofia com ele era bem diferente da relação com Ângela. É como se Sofia fosse o porto seguro dele, onde ele tem abrigo, apoio, a relação dos dois é bem madura, Romeu tenta agradar sua esposa no que pode, ele respeita ela, e não quer aborrecer:

(...) na França, comia maçã no sofá, parava a página do livro entre os dedos da mão direita, na mão esquerda ocultava a fruta, que era para Sofia não ver, quando me via depositando do lado a sobra da maçã, ela reclamava, não manche o sofá! (FERNANDES, 2014, p.40)

A relação dos dois é quase como de mãe e filho. Romeu volta a estudar porque Sofia pediu. Eles vão para França porque Sofia queria isso. Romeu segue as decisões da esposa como um filho segue as decisões de um pai, ele tem nela um alento quase que maternal. Nos momentos de aflição no decorrer do romance é por Sofia que Romeu chama, em várias passagens do livro ele a chama “vem Sofia!”, como se ela amenizasse o que ele estava passando ou sentindo.

Assim como Ângela, Sofia também trai Romeu, ela o trai com o próprio aluno dele, aluno de música que foi levado pelo próprio para dentro de sua casa. Romeu descobre, mas diferente da reação dele quando foi traído por Ângela ele articula um plano para matar o seu aluno. O plano se inicia na primeira página do livro, mas só vai desvendado no final, e não fica explícito se ele matou ou não o seu desafeto. E se sente culpado por ter levado o aluno pra dentro da sua casa.

Dentre todas as traições sofridas por Romeu, a da sua mãe foi a que mais marcou e destruiu a sua vida. A mãe de Romeu não parece ter muita importância durante a narrativa até que os fatos vão sendo apresentados e o leitor vai desvendando o que de fato aconteceu, e no final o próprio Romeu entrega, o que faz com que toda a história tome um sentido novo. Depois das revelações feitas sobre a mãe, entendemos o porquê de Romeu sempre estar longe, viajando de praia em praia, mudando de cidade até encontra Sofia, o que acontece é que Romeu tenta fugir de uma realidade que para ele é impossível aceitar, o fato de sua mãe ter um caso com seu avô e pior ainda ser conivente com a morte de seu pai é demais para Romeu. A mãe de Romeu que de início se apresenta como uma personagem simples ganha ao

decorrer da trama uma complexidade que acaba mudando tudo, ela acaba se tornando em parte responsável por tudo que acontece com Romeu, principalmente os sentimentos.

A avó de Romeu é uma vítima de seu marido, sempre sendo agredida por ele, seja fisicamente ou verbalmente. Ela sabe muito do passado de seu marido, um passado obscuro que não pode vir à tona. Há um fato que sempre é lembrado por ela e que chama a atenção do leitor, é o do estudante que foi morto por seu marido no tempo da ditadura. Seria ele não só uma vítima da ditadura, mas de algum assunto pessoal com o avô de Romeu? Uma das possíveis alternativas seria o estudante ter tido um caso com a esposa do torturador, o que não fica explícito na narrativa. Em um dado momento a senhora afirma ser agredida por punição, “ele tem me maltratado muito”, “ele me pune, isso só pode ser punição!” (FERNANDES, 2014, p85) . São apenas brechas deixadas que abrem especulações sobre o que possa ter acontecido:

O meu avô, Sofia... Ele foi, no Recife, um grande torturador nos anos 70, ocultou o cadáver de um estudante... Na minha família, só minha vó sabia, mais ninguém. e um domingo na casa de praia, meu avô e minha mãe demorando (sempre demoravam) na caminhada deles, minha avó me contou a história com detalhes. (FERNANDES, 2014, p.89)

A história da avó de Romeu é um pouco diferente da história das outras mulheres. Ela embora seja agredida e traída, não se separa de seu marido. Se formos observar a relação dos avós de Romeu em relação a dominação masculina, percebemos que dentre as demais personagens, Dona Walnice é a que mais sofre dominação, ela é o espelho da mulher que mesmo não estando satisfeita com casamento, permanece nele, seja por conta sociedade, seja pelos filhos, ou por qualquer outro motivo. Suponhamos que Dona Walnice tenha de fato traído o marido, e que esse seja um dos motivos para que ela suporte viver com seu esposo, por ter errado e sido “perdoada”, e se sujeitar a viver dessa forma por achar que merece. A infidelidade por parte da mulher, de acordo com a sociedade, é vista como imoral, pecaminosa, enquanto que por parte dos homens é justificada pela sua masculinidade, e não tem uma carga negativa tão grande como a das mulheres. Penando na época que essa possível traição de Dona Walnice tenha ocorrido, é fácil imaginar como era difícil para as mulheres naquele tempo. Se hoje a sociedade ainda condena tão fortemente, imagine nos anos 70 no auge de uma guerra. São

questões que devem ser consideradas para que se possa tentar explicar porque a submissão da avó de Romeu pelo seu marido é maior que a das mulheres de Romeu para com ele. O poder de dominação do avô sobre a avó é nítido, embora muitas vezes Walnice tente se impor de alguma forma, ela acaba sendo calada pelo marido que agride sem nenhuma pena dela, ela não tem voz diante do marido.

Romeu embora não se considere machista, se comporta em alguns momentos como um, mesmo não admitindo, a cultura machista está presente na vida dele. Principalmente com Ângela, tida como mulher independente, que quer fazer tudo por conta própria, e Romeu que ter um pouco de domínio sobre ela, sobre as ações dela, no entanto, o professor diz que é por cuidado, para ajudar sua namorada, ele não admite o sentimento machista de domínio sobre sua namorada:

Eu não era machista nem imbecil, apenas um pouco mais experiente. Fiz Ângela participar, ver melhor o mundo. Eu queria o bem para Ângela. E ela dizendo que funcionava assim mesmo quando a mulher procura e encontra, estando com um homem, o homem é de alguma forma o responsável. O macho é o inventor das portas, mesmo quando ele não sabe nem pode inventá-las, ela ensinava. (FERNANDES, 2014, p.35)

Pela aparência forte e determinada de Ângela o leitor imagina que ela vai denunciar Romeu após ser agredida, mas ela sente medo e não faz nada, a sua determinação não foi suficiente para enfrentar Romeu. Apesar de se considerar atualmente que homens e mulheres ocupam a mesma posição, isso na realidade ainda não acontece, muitas mulheres ainda se sentem diminuídas em relação aos homens, e isso ocorre em muitos sentidos. Ângela mesmo sendo forte, no momento que foi agredida se mostrou frágil, afinal de contas ela também tinha errado. Mesmo não sendo dominada pelo namorado, não lhe dando esse poder, ela foi dominada pela situação.

Sofia não sofre domínio de Romeu, temos aqui um caso de inversão. A esposa de Romeu tem uma influência muito forte sobre ele, domina não só a relação dos dois, mas também a vida do professor de música, como já foi exposto nos parágrafos anteriores. Traído pela esposa, o professor não agrediu, não machucou ela, como fez com Ângela, decidiu que mataria o seu aluno que tinha se tornado então seu maior desafeto; “Ah, esse não me faz morder poeira, esse não me escapa!” (FERNANDES, 2014, p. 92). Romeu dava conta do amante da sua esposa Sofia, mas sabia que o amante de Ângela o deixaria destruído, ele reconhecia que ele era

mais forte, terá sido esse o motivo de Romeu ter agredido sua namorada? Não conseguindo enfrentar o amante da moça, decide agredi-la por ela ser mais frágil. Não só a relação de Romeu era diferente com relação à Ângela e Sofia, o seu comportamento sobre alguns fatos também.

As mulheres da vida de Romeu conseguiram tirar o pior que havia nele. De uma criança feliz, músico, poeta, vendedor de camisas tornaram um agressor, que planejou uma morte friamente:

(...) e executarei o meu plano. Empurrarei o carro no barranco da Praia do Poste. Quero vê-lo partir, romper-se todo contra os rochedos, desaparecer entre os grandes capins. Nunca mais seus pneus com o barro amarelo da estrada do meu sítio. O meu sítio onde abrigo meus trates, onde às vezes faço um churrasco, e onde Sofia (por que os apresentei naquele baile de formatura? já ali, os olhares?), quando, em razão de algum compromisso acadêmico, eu pego a estrada, e depois de dez anos de casados, costuma passar tardes e tardes – segundo ela me diz, na companhia dos besouros. (FERNANDES, 2014, p.91)

Empurrarei o carro, ligo sem me identificar informando onde ele foi encontrado. Atraio para o local o meu aluno, transmito-lhe que os livros e embrulhos que estavam no seu carro estão intactos. Atraio para o local o... Fernando é o nome do esperto. E o Fernando eu embosco... Ah, esse não me faz morder poeira, esse não me escapa!... Meu pai... é... meu pai foi morto numa emboscada...( FERNANDES, 2014, p. 92)

Dentre todas as traições e decepções, sem dúvida a da sua mãe foi a que mais destruiu a vida dele, e que acabou também respingando nas suas futuras relações. O professor Romeu, nada mais é que um sofredor, vai sendo jogado de decepção em decepção, ele é de fato um ser humano sem sorte, vítima de um destino que não foi favorável para com ele. As personagens femininas em *Romeu na estrada* são complexas, densas e tem sua construção influenciada por aspectos sociais. São caixinhas de surpresas que vão sendo descobertas de pouco a pouco, e ganhando sempre um novo sentido.

A obra pode ainda ser considerada uma obra feminista, pois mesmo o autor denunciando diversos tipos de violência contra a mulher, é evidente a imposição que essas mulheres representam dentro da narrativa, as características do empoderamento feminino são visíveis. As mulheres apresentam uma força muito grande em relação à tentativa de conquistar seu espaço e sua liberdade dentro da obra, embora seja permeada por violência e dificuldades, não perdem essa força. De certo modo, o enredo é desenvolvido a partir das mulheres. São as ações delas que

direcionam a narrativa, os acontecimentos na vida de Romeu são precedidos por algumas atitudes de uma dessas mulheres, elas que comandam, mesmo sem intenção a vida de Romeu. O poder delas dentro da história é evidente, mesmo tendo uma fragilidade por parte de algumas personagens, não há interferência na posição, só mostra a tentativa de luta contra a dominação masculina, é a mulher tentando ganhar o seu espaço, ter sua liberdade. Deixar de ser vítima e passar a ser condutora da sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como eixo central a discussão sobre o romance contemporâneo, bem como a análise das personagens femininas em *Romeu na Estrada*, de Rinaldo de Fernandes.

O romance contemporâneo retrata, em sua maioria, algo muito próximo da realidade da época em que vivemos, a violência, o individualismo, o qual vivenciamos não só nos romances, mas na vida real também. São assuntos que não fogem do real, fatos que podem acontecer, não estão apenas no plano imagético e sim próximo ao real. Em *Romeu na Estrada*, percebemos as características de um romance contemporâneo facilmente. O romance trouxe assuntos reais, como a violência, traição, crime passional, agressão.

O herói na literatura contemporânea ganha uma nova roupagem, deixa de ser aquele herói bravo e destemido, idealizado nos romances passados. Boa parte dos heróis das construções contemporâneas são considerados anti-heróis, é o caso do nosso protagonista Romeu, um anti-herói vítima das situações ocorrentes na sua vida e de seu caráter desviado.

As personagens femininas de *Romeu na estrada* são complexas e densas, cada uma ao seu modo. Ao final da análise, percebemos em relação à dominação masculina, que nem todas as mulheres sofrem dominação, as mulheres de Romeu são fortes, ou pelo menos tentam demonstrar isso. A narrativa apresenta muitas questões semelhantes às discutidas pelos estudos feministas, embora tenha tantas violências contra as mulheres, há uma imposição das mulheres na obra. Dona Walnice (avó) é a que mais sofre em relação a esse poder exercido pelos homens, no seu caso do seu marido, que já foi um torturador; ela é agredida e traída, mas permanece no casamento. Ângela, apesar de ser uma mulher que busca seus objetivos por conta própria, quando tem sua força posta à prova, é frágil, e se mostra em parte dominada, não exatamente pelo seu namorado, mas pela situação. Sofia é uma mulher com uma grande maturidade, ela ao invés de ser dominada, exerce sobre o seu marido (Romeu) o domínio da sua vontade; ele faz tudo o que ela quer, numa tentativa de agradá-la. Mônica Primo é uma mulher independente em todos os sentidos, não tem interferência masculina em sua vida, é livre para fazer o que quer da forma que desejar. A mãe de Romeu não apresenta essa relação de

dependência com a dominação masculina, na verdade, pouco se sabe sobre ela nesses aspectos, sabemos que ela trai seu marido, teve um caso amoroso com o sogro, mas o seu perfil diante de seus afetos não é mostrado.

Os resultados apresentados aconteceram da forma prevista, do meu ponto de vista, as personagens femininas podem ser consideradas o maior destaque na narrativa e na vida do protagonista Romeu, os acontecimentos sempre são iniciados por alguma atitude dessas mulheres. De certo modo, são as mulheres que conduzem a narrativa. A importância delas é crucial para o desenvolvimento do enredo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cristiane da Silva. **Algumas (breves) Considerações Sobre a Literatura Brasileira Contemporânea**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppglettras/IIjornadaestlit/artigos/portbras/ALVESCristiane.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. –São Paulo: Ática, 1985.

DIANA, Daniela. **Dom Quixote**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/dom-quixote/> Acesso em: 14 fev. 2018

FARIA, João. **Fragmentos de uma Memória em Trânsito**. São Paulo. 2015

FERNANDES, Rinaldo de. **Romeu na Estrada**. -1. ed. –Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

FERNANDES, Rinaldo de. **Contos Reunidos Rinaldo de Fernandes**. Barueri, SP: Novo Século Editora. 2016.

FERNANDES, Rinaldo de. "O Conto Brasileiro do Século 21". In: Vargas Llosa, um prêmio Nobel em Canudos (Ensaio de literatura brasileira e hispano-americana). Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 7 -31.

GUERREIRO, Simone de Souza Braga. **Dom Quixote e a Formação do Romance**. p.47. 1981

GOMES, Álvaro Cardoso. **A Negativa Epopeia**. Itinerários, Araraquara, n.10, .1996.

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. **As Formas e a Vida: Estética e ética no jovem Lukács(1910-1918)**. Editora UNESP; ed.1. 2004.

MARTINS, Willian Mendes. **A Modernidade e a Teoria do Romance de G. Lukács**. Revista de Iniciação Científica da FFC. v.8. n.3, p 263-273, 2008.

MOURA, Renée. **Moderno, Modernismo e Modernidade**. UFPI. 2014.

OLIVEIRA, Leonardo Davino de. **Romeu na Estrada**. Rio de Janeiro. 2014.

OLIVEIRA, Paloma N. **As Mulheres de Romeu: A Representação Feminina num Romance de Rinaldo de Fernandes**. Campina Grande. 2015.

RÖHRIG, Maiquel. **O Romance Contemporâneo a partir dos Vencedores do Prêmio Jabuti entre 2001 e 2015**. Revista Literatura em Debate, v.11, n.21, p.195-213, jul/dez. 2017.



RODRIGUES, Rosângela de Melo. **Os Amores de Romeu: o anti-édipo em Romeu na estrada, de Rinaldo de Fernandes.** REVELL- Revista de Estudos Literários da UEMS- Ano 7, n.11. Mato Grosso do Sul. 2015.

SABINO, Eduardo. **Romeu na Estrada da Memória.** Balaio de Notícias. ed.199. Aracaju: 2015.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea.** 1ª edição. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.